

O OLHO DE DEUS

de
Sonia Robatto
colaboração
Marcio Meirelles

PERSONAGENS

*Sinhá
Dos Anjos
João*

NA PROJEÇÃO:

*Filu
Calu
João
Maria*

PALCO 1	PROJEÇÕES	PALCO 2
<p><i>Uma grande colcha de retalhos brancos, de várias texturas, cobre o palco, nela são projetados textos e imagens. Durante o desenrolar da ação, as extremidades da colcha vão sendo levantadas pelas pontas, formando três paredes nas laterais e fundo do palco.</i></p> <p><i>Um baú velho de couro.</i></p> <p><i>Duas cadeiras onde Sinhá e Dos Anjos costuram. Elas pegam retalhos no chão e aplicam na colcha.</i></p>		<p><i>Sala de costura da Vila Matilde.</i></p> <p><i>João sentado numa cadeira de rodas lê o jornal.</i></p>
<p><i>Sinhá e Dos Anjos costuram, sentadas em suas cadeiras.</i></p> <p>SINHÁ: Você tem certeza que não é pecado pegar as velas da igreja, Dos Anjos? Deus vê tudo...</p> <p>D. ANJOS: Tenho bobinha, tenho. Não está escrito naquela lista de pecados! E depois, a igreja está cheia de velas e Santo Antônio estava purinho!</p> <p>SINHÁ: É, a gente só dividiu, não foi?</p> <p>D. ANJOS: Foi... Se a gente pudesse comprava as velas, não era Sinhá?</p> <p>SINHÁ: Comprava um caminhão de velas, Dos Anjos...</p>		
<p><i>Sinhá fica parada, não costura mais. Olha para a plateia real com medo. Anda em direção à plateia, muito devagar, sempre com medo.</i></p> <p>D. ANJOS: Um trem de velas, um barco de velas, quem me dera...</p> <p><i>Dos Anjos percebe que Sinhá está assustada e corre para junto dela. Sinhá indica com a cabeça a plateia. Sinhá e Dos Anjos ficam na beira do palco, perto da plateia.</i></p>	IMAGENS DA PLATEIA	

<p>SINHÁ: Olhe ali. Eles estão ali!</p> <p>D. ANJOS: Ali onde?</p> <p>SINHÁ: Tem gente ali.</p> <p>D. ANJOS: Não é gente não, bobinha, é a gente. Deve ser um espelho...</p> <p>SINHÁ: Um espelho? Ah, sim... um espelho...</p> <p><i>As duas continuam paradas, imóveis, olhando sempre para a plateia.</i></p> <p>SINHÁ: Calu está ali, Dos Anjos!</p> <p>D. ANJOS: Calu?</p> <p>SINHÁ: Uma porção de Calu...</p> <p>D. ANJOS: Ai, meu Deus. Aonde, minha Nossa Senhora!</p> <p>SINHÁ: E Maria. E João!</p> <p>D. ANJOS: E Riquião?</p> <p>SINHÁ: Eu estou com medo, Dos Anjos... Eles só ficam me olhando... Estou com medo. Por que é que eles estão me olhando?</p> <p><i>Dos Anjos vai até o baú e começa a mudar de roupa. Tira a blusa, fica vestida com uma combinação antiga.</i></p>	<p>MÚSICA: TEMA DO OLHAR DO OUTRO</p> <p>IMAGENS DA PLATEIA + CALU</p>	<p><i>Entra Calu. Procura algo. Dá atenção a João.</i></p>
<p>D. ANJOS: Deixe de bobagem, Sinhá. É um espelho parado, parado.</p> <p>SINHÁ: É mesmo, Dos Anjos?</p>		<p><i>Sai Calu.</i></p>

	<i>Projeção: Imagens das duas substituem a da plateia.</i>	
<p>D. ANJOS: É, Sinhá, é.</p> <p>SINHÁ: Vamos tomar o barco, Dos Anjos...</p> <p>D. ANJOS, <i>que continua mexendo no baú:</i> Agora, não. A gente tem que rezar antes.</p> <p>SINHÁ: A gente reza no barco menina!</p> <p>D. ANJOS: Nosso Senhor fica zangado, Sinhá!</p> <p><i>Sinhá percebe Dos Anjos de combinação e corre para cobri-la com um xale, que está na cadeira.</i></p> <p>SINHÁ: O que é isto, D. Anjos?</p> <p>D. ANJOS: Isto o que, menina?</p> <p>SINHÁ: Você vai tirar a roupa? Eles estão espiando a gente, Dos Anjos...</p> <p>D. ANJOS: Vamos tratar da vida, Sinhá...</p>	PROJEÇÕES CRUZADAS	
<p><i>Dos Anjos fica de combinação. Começa a se vestir... Como se fosse um ritual. Alisa o cabelo, faz uma vistoria na roupa e bate palmas quando termina, indicando que está pronta.</i></p> <p>SINHÁ: Se mamãe estivesse aqui, você não faria isto!</p> <p>D. ANJOS: Mamãe morreu, Sinhá!</p> <p>SINHÁ, <i>alegre:</i> Morreu? Quando?</p>		<i>Entra Maria. Também procura algo. Destrói documentos que encontra, coloca numa sacola de compras. Arruma outros</i>

<p>D. ANJOS: Não sei. Só sei que morreu.</p> <p>SINHÁ: E papai?</p> <p>D. ANJOS: Morreu, Sinhá, morreu do coração.</p> <p>SINHÁ, <i>muito espantada:</i> E tia Carminha?</p> <p>D. ANJOS: Morreu, de repente. De estupor de pinote... Tomou café quente e depois bebeu água gelada! Estuporou...</p> <p>SINHÁ: E Celestinha?</p> <p>D. ANJOS: Celestinha? Acho que morreu, de tuberculose... Tossia tanto a coitadinha!</p> <p>SINHÁ: E a Toninha?</p> <p>D. ANJOS: É claro que morreu... De desastre.</p> <p>SINHÁ: Você tem certeza?</p> <p>D. ANJOS: Tenho. Acho que tenho... Pode ter morrido também de assalto. Muita gente morre de assalto, hoje em dia, eu sei...</p> <p>SINHÁ, <i>bem alegre:</i> E a gente?</p> <p>D. ANJOS: A gente? O que é que tem a gente?</p> <p>SINHÁ: A gente morreu?</p> <p>D. ANJOS: Não sei, não, Sinhá. Será que a gente morreu?</p>		
--	--	--

<p>SINHÁ: Você é quem sabe...</p> <p>D. ANJOS: Pode ser, não é Sinhá?</p> <p>SINHÁ: É, pode ser... Morremos? Morri? Morri mesmo, Dos Anjos? Do que eu morri?</p> <p>D. ANJOS, alegre: Morreu sim, de tifo. Eu fui ao seu enterro. Estava chovendo. Mandei uma coroa linda, Sinhá! "Saudade Eterna".</p> <p>SINHÁ: Foi um enterro bonito, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: Lindo, Sinhá... Você toda de branco. Parecia um anjo.</p> <p>SINHÁ: Muita flor?</p> <p>D. ANJOS: Só você vendo, minha filha! Enterro de primeira! Teve padre! Teve discurso. Teve ônibus. Todo mundo chorava, uma beleza... Tinha tanta flor que parecia casamento... Tudo branco...</p> <p>SINHÁ: Calu mandou flores? E Riquião? E Maria?</p> <p>D. ANJOS: Ah! Disso tudo eu não me lembro. De D. Eponina eu tenho certeza, um coração...</p>		
<p>SINHÁ: Você tem certeza que eu morri, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: Pode ser, não é? Tanto faz... Não vejo a diferença...</p> <p>SINHÁ: Vamos trabalhar senão a gente perde o barco...</p>		<p><i>Entra Filu e observa Maria, sem ser vista.</i></p>
<p><i>As duas vão até as cadeiras. Sentam-se, pegam retalhos cortados para serem costurados na colcha.</i></p>		<p><i>Maria pega alguns documentos escondidos debaixo de algum retalho, pano ou fundo falso. Ao se virar, dá de cara com Filu, assustando-se. Esconde rapidamente</i></p>

<p><i>Começam a costurar.</i></p>		<p>FILU: Algum problema, minha filha.</p> <p>MARIA, tentando esconder o nervosismo: Dona Filu? Quer, quer que eu chame a madrinha?</p> <p>FILU: Fazendo faxina, Maria?</p> <p>MARIA, para fora: Madrinha! <i>Para Filu.</i> Eu não, dona Filu. Eu to saindo.</p> <p>FILU: E esses papéis? Documento, né? Pra faculdade?</p> <p>MARIA: É, coisas minhas. Já vou.</p> <p><i>Maria vira-se para sair.</i></p> <p>FILU: E Riquião apareceu, minha filha?</p> <p><i>Maria olha para Filu e sai.</i></p>
<p>SINHÁ, sente novamente o olhar da plateia e tem medo: Eles estão olhando. Porque eles estão olhando tanto? O que é que eu tenho de diferente? Porque eles estão parados? Porque não falam?</p>	<p>MÚSICA: TEMA DO OLHAR DO OUTRO</p>	<p><i>Desconfiada, Filu examina superficialmente o cenário. Observa João. Pega algumas revistas de moda e começa a folhear.</i></p>
<p>SINHÁ: Está pesada, hein, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: Já está terminando...</p> <p>SINHÁ: Você acha, Dos Anjos? Você tem medo de morrer? De ter morrido?</p> <p>D. ANJOS: Eu, não. Por quê?</p>	<p>FIM DA MÚSICA</p>	
<p>D. ANJOS: E a procissão?</p> <p>SINHÁ: Que procissão?</p>	<p>MÚSICA: TEMA DA PROCISSÃO PROJEÇÃO: IMAGENS DE PROCISSÕES E</p>	

<p>D. ANJOS: Ora, a procissão, menina!</p> <p>SINHÁ: Que procissão, linda hein, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: Nem me fale... Nem me fale, minha filha!</p> <p>SINHÁ: Nossa senhora lá em cima do andor...</p> <p>D. ANJOS: Balançando... balançando...</p> <p>SINHÁ: Olhando tudo...</p> <p>D. ANJOS: As irmandades...</p> <p>SINHÁ: O arcebispo...</p> <p>D. ANJOS: O prefeito... Os anjinhos! Tudo cantando.</p> <p>SINHÁ: As janelas cantando...</p> <p><i>As duas dão as mãos e saem andando e falando, pelo meio da colcha de retalhos.</i></p> <p>D. ANJOS: Os bondes cantando.</p> <p>SINHÁ: Os cachorros cantando...</p> <p>D. ANJOS: Os meninos cantando... Cantando, cantando.</p>	<p>SANTOS FUNDEM COM PLATÉIA E IMAGENS DOS PALCOS CRUZADA.</p>	
<p>SINHÁ: Bem que eu queria ser santa...</p> <p>D. ANJOS: Nem me fale, Sinhá, nem me fale...</p> <p>SINHÁ: Flor todo dia...</p> <p>D. ANJOS: Passear pelas ruas, dançando, dançando...</p>		<p><i>Filu começa a cantar a música TEMA DA PROCISSÃO</i></p>

<p>SINHÁ: Eu só não gosto das roupas, são muitos quentes.</p> <p>D. ANJOS: Lá isso é!</p> <p>SINHÁ: E o dinheiro que se gasta, Dos Anjos! As joias, os resplendores... A gente não ia poder, não...</p> <p>D. ANJOS: É mesmo, Sinhá. Não sei como Nosso Senhor se arranja, lá no céu...</p> <p>SINHÁ: Tudo pela hora da morte...</p> <p>D. ANJOS: Só as onze mil virgens!</p>		
<p>SINHÁ: Depois, Calu ainda se queixa... Hoje em dia não se pode mais ser santo, não.</p> <p>D. ANJOS: É, sai muito caro, sai muito caro...</p> <p>SINHÁ: Será que os santos trabalham?</p> <p>D. ANJOS: Você esta boba, Sinhá? Onde já se viu santo trabalhar! Ficam o dia todo no altar...</p>		<p><i>Entra Calu.</i></p>
		<p>CALU: Tá boa, Filu?</p> <p>FILU: Tô ótima.</p> <p>CALU: Vim provar o vestido;</p> <p>FILU: Sei.</p> <p><i>Filu pega o vestido.</i></p>
<p>SINHÁ: E o dinheiro? Será que até eles...</p> <p><i>Sinhá faz o gesto de roubo.</i></p> <p>D. ANJOS: Você está louca, Sinhá? Ensandeceu,</p>		

<p>menina? Precisando eles fazem uns milagres!</p> <p>SINHÁ: Ah! Me diga isso! Só com milagre mesmo! Está tudo tão caro! Eu tinha até me esquecido... Estou muito esquecida...</p> <p>D. ANJOS: Todo dia devia ter, não era Sinhá?</p> <p>SINHÁ: O que, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: A procissão...</p>		
		<p>CALU: Que procissão horrível, hein menina?</p> <p>FILU, com nojo: Uma vergonha, Calu.</p> <p>CALU: Cada ano fica mais desorganizada... O andor de Nossa Senhora todo descascado.</p>
<p>SINHÁ: A gente não ia... Calu não deixava...</p> <p>D. ANJOS: Não deixava a casa vazia...</p>		
		<p>FILU: Uma vergonha.</p> <p>CALU: Para o ano a comissão não vê um tostão do meu...</p> <p>FILU: Nem um tostão do meu... nem um tostão do meu...</p>
<p>SINHÁ: Porque depois, Riquião podia chegar e não encontrava a gente!</p> <p>D. ANJOS: Deus me livre, Sinhá! Nem me fale...</p>		
		<p>CALU: O pior de tudo não é isso. Você viu quem estava segurando o andor? O Tônico!</p> <p>FILU: Uma profanação! Deus que me perdoe...</p> <p>CALU: Isto é coisa do diabo, de Lúcifer! Da coisa ruim, do maldito!</p>

		<p>FILU: E ainda por cima a zinha dele jogando flor, na santa...</p> <p>CALU: E a mulher em casa cuidando dos filhos. Eu é que não me prestava pra isso. É o que digo, minha filha, antes só do que mal acompanhada...</p> <p>FILU: Pois é... No meu tempo gente que não prestava se escondia... Agora pecado virou moda!</p> <p>CALU: O Diabo está solto mesmo! É um tempo de trevas! O fogo do Inferno está queimando. É o fim do mundo! A gente é que está atrasada, Filu. Maria todo dia me diz isso...</p> <p>FILU: Maria, é? Tudo isso é culpa da televisão, com estas novelas imorais, cheias de bandalheiras.</p> <p>CALU, com ar de vítima: A gente tem até vergonha de ser boa. Chamam a gente de carola. De santinha do pau-oco!</p> <p>FILU: Quem não tem pecado inventa, senão fica feio...</p>
<p><i>Silêncio</i></p> <p>SINHÁ: Sonhei com Requião viajando. Tão bom, tão bom...</p> <p>D. ANJOS: Viajando pra cá?</p> <p>SINHÁ: Viajando, viajando...</p> <p>D. ANJOS: Mas ele tinha que ir para algum lugar!</p> <p>SINHÁ: Não. Ele estava viajando...</p> <p>D. ANJOS: Viajando...</p>	<p>PROJEÇÃO: FOTOS DE PESSOAS DESAPARECIDAS + IMAGENS DA PLATEIA.</p> <p>PROJEÇÕES CRUZADAS.</p>	

		<p><i>O jornal cai, Calu pega e devolve a João.se lembra e chama.</i></p> <p>CALU: João... João das meninas. João! <i>Gritando.</i> João! João! <i>Para Filu.</i> É, está tudo perdido!</p> <p>FILU: Perdido, perdido, perdido... Você não viu a filha de D. Arlinda na procissão? Não é para falar, não, mas aquela menina...</p> <p>CALU: Menina! Tem uma pinta...</p> <p>FILU: Uma pinta! O vestido descobria mais do que cobria...</p> <p>CALU: Descobria! Depois... quando os homens atacam...</p> <p>FILU: Atacam... hum! Cada um tem o que merece. Veja se alguém bole comigo?</p> <p>CALU: Bole?! E comigo!</p> <p>FILU: Foi a televisão, tenho certeza. Antes não era assim, os tempos estão mudados...</p>
<p>SINHÁ: Ontem eu sonhei com ele, Dos Anjos...</p> <p>D. ANJOS: Sonhou?</p> <p>SINHÁ: Com ele viajando. Porque foi mesmo que ele foi embora? Por que ele desapareceu? Sumiu?...</p> <p>D. ANJOS: A gente não sabe, Sinhá... A gente já esqueceu. A gente já esqueceu!</p> <p>SINHÁ: Riquião morreu, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS, espantada: Riquião, Sinhá?!</p>		

<p>SINHÁ: Eu só estou lhe perguntando...</p> <p>D. ANJOS: Ele foi embora, Sinhá, desapareceu...</p> <p>SINHÁ: Morreu, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: Já disse que ele foi embora, que ele desapareceu!</p> <p>SINHÁ: Quem vai embora morre, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: Não sei, Sinhá, não sei... As pessoas às vezes desaparecem, não é mesmo? Somem. Por mais que a gente procure, não encontra! As pessoas saem de casa e não voltam. Desaparecem dentro do mundo! O mundo engole as pessoas.</p>		
		<p>CALU: Os tempos estão mudados...</p> <p>FILU: Você não sente uma coisa meio esquisita por aqui?</p> <p>CALU: Esquisita, como?</p> <p>FILU: Diferente...</p> <p>CALU, triste: Só sinto estas coisas que você já sabe...</p> <p>FILU: E você já sentia antes?</p> <p>CALU: Antes do que, criatura?</p> <p>FILU: Dessa agitação aqui na sua casa.</p> <p>CALU, muito triste: Só sinto aquelas mesmas coisas. É a minha sina...</p>
<p>SINHÁ, cantando cantochão:</p>	<p><i>Projeção: de anúncios de</i></p>	

<p><i>Uma porção de homens... Todos presos e amarrados... Com a cabeça cortada... Nunca estarei vingada...</i></p>	<p><i>peças desaparecidas e de perseguidos políticos durante a ditadura em todas as telas do palco.</i></p> <p><u>Imagem da plateia.</u></p>	
		<p>CALU: E essa casa? Eu fico ouvindo uma cantoria horrorosa. Que horror. Misericórdia. Pare. Eu me arrepio.</p> <p>FILU: Mas você está melhorzinha, não está?</p> <p>CALU: Assim, assim... É uma dor de cabeça que não tem fim. Quando eu penso que está acabando... vai descendo. Dói o ombro, dói a barriga, dói até o pé...</p> <p>FILU: E o Dr. Silvino?</p> <p>CALU: Não estou mais com ele, não... Ele me mandou para o Dr. Carlos.</p> <p>FILU: Coitadinha...</p> <p>CALU: O Dr. Carlos me mandou para o Dr. Celso, especialista do nariz...</p> <p>FILU: Coitadinha...</p> <p>CALU: Dr. Celso me mandou para Dr. Sergio, especialista da língua...</p> <p>FILU: Coitadinha, coitadinha...</p> <p>CALU: O Dr. Sergio para o Dr. Carlos, especialista da garganta. O Dr. Silvino me proibiu de tomar leite. Eu só podia comer ovos e carnes.</p>

		<p>FILU: Ovos e carnes...</p> <p>CALU: O Dr. Carlos me proibiu de comer carnes e ovos. Eu só podia beber leite.</p> <p>FILU: Leite!</p> <p>CALU, cada vez mais rápido: O Dr. Celso me proibiu de comer um dia carne e um dia leite. Acho que ele queria que eu fosse vegetariana...</p> <p>FILU: Vegetariana?</p> <p>CALU: O Dr. Sergio descobriu que eu não podia beber leite. Disse que eu sofria – <i>orgulhosíssima</i> – de “Empolatio Verborum”...</p> <p>FILU: Disse mesmo?!</p> <p>CALU: Que disse, disse... Mas cadê que eu empolava... - <i>Tristíssima</i> - Ah, Filu... Eu estava tão satisfeita... Pensava... agora eu já tenho um nome bonito para a minha doença! Ah! O mais triste de tudo é isto: ter uma doença que não tem nem nome...</p>
<p>SINHÁ, cantando cantochão:</p> <p><i>Uma porção de homens...</i> <i>Todos presos e amarrados...</i> <i>Com a cabeça cortada...</i> <i>Nunca estarei vingada...</i></p>		
<p>SINHÁ, continua cantando:</p> <p><i>Uma porção de homens...</i> <i>Todos presos e amarrados.</i> <i>Uma porção de homens...</i></p>		<p>CALU: Misericórdia. Pare. Eu me arrepio.</p> <p>CALU, aos berros: Sinhá! Eu já não lhe pedi para não cantar isso?</p>

<p><i>Todos presos e amarrados... Com a cabeça cortada... Uma porção de homens...</i></p>		
<p>D. ANJOS: Pare, Sinhazinha!</p>		<p>CALU: Pare, eu fico biruta!</p>
<p>SINHÁ: O que é, minha filha?</p> <p>D. ANJOS: Calu não quer que cante, menina!</p> <p><i>Sinhá para.</i></p>		<p><i>Filu chega perto de Calu, tenta colocar a mão no seu ombro.</i></p> <p>CALU se desvia: Eu vou beber água.</p>
<p><i>Sinhá examina a colcha de retalhos, que estão costurando.</i></p> <p>SINHÁ: Está é grande! Pra que é mesmo?</p> <p>D. ANJOS, espantada: Pra que é?</p> <p>SINHÁ: Sim, tão grande... Pra que é?</p> <p>D. ANJOS: Pra que é, Sinhá?</p> <p>SINHÁ: Você é quem sabe destas coisas.</p> <p>D. ANJOS: É... A gente vai fazendo... Quando morrer leva.</p> <p>SINHÁ: A que for por ultimo, não é?</p> <p>D. ANJOS: Vai tudo junto, é melhor...</p>		<p><i>Filu, só, examina tudo desconfiada.</i></p>
		<p><i>Calu retorna, mais recomposta.</i></p> <p>FILU: Porque você não vai nestes médicos d'agora?</p> <p>CALU: Mas eu já não fui?</p>

		<p>FILU: Não, Calu! Estes que botam as pessoas deitadas. E elas falam, falam...</p> <p>CALU: Você esta louca, Filu? Depois eles contam tudo para os outros...</p> <p>FILU: Contam nada! Eles são uns homens muito sérios.Têm ética!</p> <p>CALU: Cadê coragem, Filu? Mas bem que seria bom! Quem sabe se eu assim dormindo não dizia o nome da minha doença?</p> <p>FILU: E é cada nome bonito! Tem uns tais de síndromes, que eu acho que é o que você tem. É a doença de D. Ritinha...</p> <p>CALU: Este já não me serve, Filu, D. Ritinha já tem... Esse é só dela! Você não pode ter mesmo! Ela me disse que o medico garantiu que só ela que tinha. É uma doença muito rara...</p> <p>CALU, <i>suspirando</i>: Uma sorte desta eu não tenho! É só resfriado, resfriado.</p>
<p>SINHÁ: Tem retalho de tudo...</p> <p>D. ANJOS: Do batizado de Maria...</p> <p>SINHÁ: Do casamento de Cristina...</p> <p>D. ANJOS: Do enterro de Celestinha...</p> <p>SINHÁ: Do enterro de Dadinha...</p> <p>D. ANJOS: Do noivado de Calu...</p>		

<p>SINHÁ: Ah, ela já foi noiva, é? Estou muito esquecida!</p> <p>D. ANJOS: A gente se enganou. Prendeu pelo avesso...</p> <p>SINHÁ: Era um pano tão bonito...</p> <p>D. ANJOS, <i>suspirando</i>: E ficou tão feio!</p> <p>SINHÁ: Por que a gente não virou o retalho mesmo, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: A gente não pode! Depois que coseu, não pode fazer mais nada.</p> <p>SINHÁ: É, a gente não pode mais...</p> <p>D. ANJOS: Era tão bonito. E ficou tão feio...</p> <p>SINHÁ: Não foi de propósito, não!</p> <p>D. ANJOS: Às vezes a gente se engana mesmo!</p> <p>SINHÁ: Nem me fale... Um dia eu costurei você, lembra, Dos Anjos? Não foi, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: Pensou que eu era retalho. Eu estava dormindo, quando eu acordei...</p> <p>SINHÁ, <i>cortando</i>: Estava toda presa!</p> <p>D. ANJOS: Mas a colcha não me quis. Me mandou de volta.</p> <p>SINHÁ: Não gosto nem de lembrar. Não foi de propósito, não!</p>		
--	--	--

<p>D. ANJOS, <i>sorrindo</i>: Eu sei, Sinhá! Mas, quando acordei estava presa. Dois dias. Até que Riquião apareceu e a colcha me soltou! Se não fosse Riquião...</p> <p>SINHÁ: O pior não é coser. É tomar conta.</p> <p>D. ANJOS: Ai, que retalhos, mais impossíveis!</p> <p>SINHÁ: Não deixar desbotar, nem descoser. Não esquecer a historia de cada um.</p> <p>D. ANJOS: A gente não pode esquecer nunca.</p> <p>SINHÁ, <i>misteriosamente</i>: Mas, de vez em quando, aparecem uns retalhos na colcha...</p> <p>D. ANJOS: Que ninguém cozeu.</p> <p><i>Começam a andar dentro e em torno da colcha.</i></p> <p>SINHÁ: Por mais que a gente pegue...</p> <p>D. ANJOS: Que a gente olhe!</p> <p>SINHÁ: Que a gente cheire!</p> <p>D. ANJOS: Não reconhece!</p> <p>SINHÁ: Presos aos outros...</p> <p>D. ANJOS: E a gente nem conhece, não sabe de onde veio.</p> <p>SINHÁ: De que casa, de que terra, de que família? Eu tenho medo!</p>		
		<p>CALU: Desculpe, Filu, estes velhos me põem louca. Sem</p>

		<p>falar na Maria, esta menina não para em casa. <i>Vai sair do quarto.</i></p> <p>FILU: Onde será que ela tá mesmo?</p> <p><i>Calu para na porta, olha Filu e sai.</i></p>
<p><i>Aparece, costurado, um retalho ensanguentado.</i></p> <p>D. ANJOS: Esse, esse... Não é da gente.</p> <p><i>Sinhá abraça Dos Anjos, escondendo o seu rosto no seu peito. E as duas sentam no chão, sobre a colcha.</i></p> <p>SINHÁ: Não olhe, Dos Anjos. Finja que não está vendo, minha menina!</p> <p>D. ANJOS: É, a gente não pode fazer nada. Está cozido. Tem que ficar!</p> <p>SINHÁ: A colcha é quem manda!</p> <p><i>Dos Anjos balança a cabeça, suspira, começa a andar, em cima da colcha de lá para cá...</i></p> <p>D. ANJOS: E o pior não é isto, é quando a gente quer costurar, retalho da gente e eles não deixam.</p> <p>SINHÁ: O retalho dos 15 anos de Maria era branco, branco...</p> <p>D. ANJOS: Que retalho impossível!</p> <p>SINHÁ: Não quis entrar na colcha, nem pelo avesso, nem pelo direito!</p> <p>D. ANJOS: Não deixava a gente costurar.</p>		

<p>SINHÁ: É, mais a gente não forçou, não foi, Dos Anjos?</p> <p>D. ANJOS: É, a gente não podia forçar.</p>		
		<p>FILU: Calu! Ó, Calu! Cadê você? Parece maluca. Onde já se viu? Onde se meteu?</p>
<p>SINHÁ: O pior de tudo é quando não tem retalho...</p> <p>D. ANJOS: A gente fica parada esperando, esperando.</p> <p>SINHÁ: O tempo vai passando devagarzinho...</p> <p>D. ANJOS: Eu não gosto de esperar...</p> <p>SINHÁ: A gente limpa os retalhos velhos.</p> <p>D. ANJOS: E fica esperando. Mas eu não gosto de esperar!</p> <p>SINHÁ: E a gente tem querer Dos Anjos? A colcha é quem manda!</p>		
		<p>FILU: Calu, ó Calu... Calu... Caluzinha...</p>
<p>SINHÁ: Depois... Chega tudo de uma vez... Que confusão!</p> <p>D. ANJOS: Quando eles são amigos, está tudo muito bem. Mas quando não são?</p> <p>SINHÁ: E a colcha gosta de briga!</p> <p>D. ANJOS: Quer tudo costurado, rápido, rápido!</p> <p>SINHÁ: Se lembra daquele de Maria, que não queria ficar grudado no de Calu?</p> <p>D. ANJOS: Nem gosto de lembrar, mas tinha que ficar.</p>		

<p>Chegaram juntos!</p> <p>SINHÁ: A gente não pode fazer nada. A gente costura, costura.</p> <p>D. ANJOS: Mas um dia ele some... Vai embora.</p> <p>SINHÁ: Será? O de Riquião sumiu, não sumiu Dos Anjos? Desapareceu, meu Deus!</p> <p>D. ANJOS: Não fale Sinhá, dói, dói muito, aqui dentro do peito.</p> <p>SINHÁ, sem perceber: É, às vezes eles somem mesmo! Desaparecem e a gente não sabe por quê!</p> <p>D. ANJOS, pega o retalho manchado: Ou mudam de cor. Desaparecem. Mudam até de cheiro!</p> <p>SINHÁ: Por causa dos outros, tanto tempo junto. Eles não sabem mais qual é a sua cor!</p> <p>D. ANJOS: As cores vão se misturando, misturando, misturando. <i>Para a mão em cima do retalho, com muita dor.</i> Mas este não muda, Sinhá!</p> <p>SINHÁ: Vermelho, vermelho!</p>		
	<p>Projeção: <i>Imagens de manifestações políticas. Passeatas, repressão policial. O filme vai ficando vermelho. A colcha fica toda vermelha, pintada pela projeção.</i></p>	
<p>D. ANJOS: Pior do que sangue!</p>		

<p>SINHÁ: Muito pior, antes eu tivesse morrido, meu Deus!</p> <p>D. ANJOS: O pano vermelho na porta, chamando para o leilão!</p>		
	<p>Projeção: Surge a bandeira do leilão. A câmera vai se afastando. Fusão com imagem de sala de casa antiga, com alguns móveis. A imagem ainda está vermelha. Aos poucos vai ficando PB.</p>	
<p>D. ANJOS: O pano de sangue na porta, chamando para o leilão!</p> <p>SINHÁ: O homem de preto!</p> <p>D. ANJOS: Invadindo Vila Matilde, pegando nela, vendendo tudo dela. <i>Imitando uma voz cantada de leilão.</i> Quem dá mais, quem dá mais, uma linda cadeira de jacarandá. Quem dá mais?</p> <p>SINHÁ: De mamãe, de papai. Cadeira de ninar menino. Cadeira de espantar bicho-papão...</p> <p>D. ANJOS: Quem dá mais? 200 – 300 – 400 – 500. Fechado!</p> <p>SINHÁ: O homem de preto. A gente sangrando no peito...</p> <p>D. ANJOS: Quem dá mais? Uma linda cama de jacarandá...</p> <p>SINHÁ: De mamãe, de papai. Cama de nascer filho.</p>		

<p>Cama de morrer tranquilo...</p> <p>D. ANJOS: Quem dá mais? Quem dá mais?</p> <p>SINHÁ: Melhor morrer de vez. Melhor! Parem com isso eu não aguento mais! Ninguém aguenta!</p> <p>D. ANJOS: Vendido. Vendido!</p> <p>SINHÁ: O homem alto, enorme, cortando a gente em pedaços, devagar...</p> <p>D. ANJOS: Um oratório de jacarandá... Quem dá mais? Quem dá mais? Vendido! Vendido!</p> <p>SINHÁ: A gente escondida ali, espiando. Porque é que a gente nasceu, pra passar por tudo isso?</p> <p>D. ANJOS: Uma mesa de jacarandá! Um berço de jacarandá! Um gato de biscuit!</p> <p><i>Sinhá corre para o baú, abre-o retirando os objetos.</i></p>		
	<p><i>Projeção:</i> Os móveis ficam cobertos por panos brancos, como faziam as casas antigas, quando os donos viajavam.</p>	
<p>SINHÁ: Mimi, venha cá, Mimi. Meu gatinho de louça!</p> <p>D. ANJOS: Um Santo Antônio de marfim! Um Santo Antônio de marfim!</p> <p>SINHÁ: Ai! Se não fosse Riquião. Queriam vender o santo da gente...</p>		
<p>D. ANJOS: Riquião chegou e salvou!</p>		<p><i>Entra Calu</i></p>

<p>SINHÁ: Calu quis vender tudo de vingança, de briga com Santo Antônio.</p> <p>D. ANJOS: Mas Riquião não deixou! Graças a Deus...</p> <p>SINHÁ: Tudo que ele conseguiu salvar está aqui dentro. <i>Aponta o baú.</i></p> <p><i>Dos Anjos também vai para junto do baú.</i></p> <p>SINHÁ, <i>tira uma boneca de porcelana:</i> Quase, quase hein, Marieta?</p> <p><i>As duas começam a tirar do baú vestidos antigos, chapéus, peles, panos, bordados, roupas antigas de criança, sapatos, xales. Vão se vestindo, pondo chapéus, brincando.</i></p> <p>D. ANJOS: Tudo que a gente conseguiu salvar está aqui dentro.</p> <p>SINHÁ, <i>sorrindo feliz:</i> Até que podia ser pior. A gente tem tanta coisa...</p> <p>D. ANJOS <i>(pega uma grinalda com véu. Coloca na cabeça).</i> Do noivado de Calu...</p> <p><i>Sinhá ri.</i></p>		
		<p>CALU: Quem foi que riu?</p> <p>FILU: Não fui eu...</p> <p>CALU: Foi ela, eu sei que foi ela.</p> <p>FILU: Ela quem, Calu?</p>

		<p>CALU: A casa, Vila Matilde... Eu não estou gostando desta brincadeira, Matilde!</p> <p>FILU: Que bobagem, deixa disso.</p> <p>CALU: É assim, Filu, não posso fazer nada que esta maldita casa fica rindo de mim!</p> <p>FILU: Você esta nervosa, se acalme.</p>
<p>SINHÁ, <i>(pega na sua cômoda um vestido semelhante ao de Dos Anjos com um chapéu florido):</i> Tão branco, tão branco...</p> <p><i>Começa a se ouvir uma valsa. As duas velhinhas começam a cantarolar e dançam juntas.</i></p> <p>SINHÁ: A casa cheia de flor! Rosas, angélicas</p> <p>D. ANJOS: Vila Matilde moça, branca! Cheirosa! Luz por toda parte.</p> <p>SINHÁ: Quanto doce!</p> <p>D. ANJOS: Quanta gente!</p> <p>SINHÁ: Quanta flor!</p> <p>D. ANJOS: De noite a festa! Que festa!</p> <p>SINHÁ: Calu sorrindo. Calu sorrindo!</p> <p>D. ANJOS: Calu dançando...</p> <p>SINHÁ: Cantando e dançando com todos.</p>		<p><i>Filu fica observando o cenário. Pega umas revistas. Olha.</i></p> <p><i>Filu pega uns dobrados em cima da mesa. Calu trabalha.</i></p>

<p><i>Sempre tive paixão pela dança, No salão, encontrando um bom par, Não respiro, não paro e não canso, A dançar, a dançar, a dançar...</i></p> <p>D. ANJOS, <i>sofrendo</i>: Onde foi parar esta gente toda? Cadê papai? Cadê mamãe? Alguma coisa está muito errada, muito errada...</p> <p>SINHÁ: Vila Matilde dançando. Esta casa sempre gostou de dançar. Um de seus grandes dias, Matilde! Todo mundo lhe elogiando – que casa bonita! Que casa linda! Você se lembra, Vila Matilde?</p> <p>D. ANJOS: Não devia ser assim. As coisas passam muito depressa. A gente passa muito depressa!</p> <p>SINHÁ: A gente dançou a noite inteira...</p> <p><i>As duas sentam melancólicas, nas cadeiras de balanço.</i></p>		
<p>SINHÁ (<i>muito séria, para Filu</i>): A senhora deseja alguma coisa?</p> <p>D. ANJOS: Hoje a gente não aceita encomendas, nem sequilhos, nem bolos.</p> <p>SINHÁ: Não se forra cinto, nem se cobre botão.</p> <p>D. ANJOS: É dia de guarda.</p>		<p><i>Filu pega uma colcha de retalhos, no monte de panos dobrados da mesa.</i></p>
		<p>FILU: Calu? Calu?</p>
<p>SINHÁ: Quando a senhora morrer a gente bota um retalho.</p>		
		<p>FILU: Calu, se você quiser eu trago um monte de retalhos</p>

		que eu tenho lá em casa.
<i>As velhinhas ficam paradas sem compreender.</i>		
D. ANJOS: Retalho dos outros?!		
SINHÁ: Quem é ela dos Anjos?		FILU: Eu tenho retalho do mundo inteiro!
D. ANJOS: Não sei, Sinhá, é uma estranha		
SINHÁ: Que mulher mais esquisita!		
D. ANJOS: Feia, muito feia!		
SINHÁ: Horrrosa!		
		<i>Filu fica completamente atrapalhada.</i>
		FILU: Ta ouvindo Calu?
		<i>Volta para a cadeira de João.</i>
D. ANJOS: Que nariz feio!		
SINHÁ: Que voz feia!		
D. ANJOS: Que cheiro feio!		
SINHÁ: Parece uma alma do outro mundo, das feias...		
		CALU: Idiota, só fiz tudo errado. Não sei pra quê que eu vim pra esse mundo, não sei por que que eu nasci.
D. ANJOS: Era diferente, não era?		
SINHÁ: Tinha alguma coisa diferente...		
D. ANJOS, <i>depois de uma pausa, sorrindo:</i> Você não era assim, Sinhá. Era diferente...		

<p>SINHÁ: Eu era diferente?</p> <p>D. ANJOS: Era, Sinhá, eu sei que era... Ah! A sua cara, a sua cara era diferente...</p> <p>SINHÁ: A minha cara, foi sempre assim, foi essa cara!</p> <p>D. ANJOS: Não, Sinhá! Não era essa! Agora eu me lembro, era outra cara! Era uma cara tão linda! <i>Tenta mostrar com as mãos.</i> Era um camafeu...</p> <p>SINHÁ: Eu não notei nada! Eu não tenho culpa de mudar de cara! Mas será que aquela minha outra cara está dentro do baú? Será que a gente guardou?</p> <p>D. ANJOS: É, pode ser, Sinhá... Vamos procurar? Vamos procurar...</p> <p>SINHÁ: Veja se acha a cara de Calu também, cor de rosa, lindinha. E a de João, de sorriso branco. E a de Celestinha, tão pequenininha.</p> <p>D. ANJOS: Fácil de perder...</p> <p>SINHÁ: Difícil de achar... E a sua Dos Anjos! Eu me lembro!</p> <p>D. ANJOS: Ora, a minha?</p> <p>SINHÁ: Que carinha de anjo, eu lembro, eu lembro! Agora eu estou lembrando de todas as caras. São tantas, elas mudam, mudam! Cara é uma coisa que a gente não pode ter muita confiança, muda, muda!</p> <p><i>Sentam nas cadeiras. As duas cantam baixinho como se fosse uma cantiga de ninar.</i></p>		
---	--	--

<p>SINHÁ, cantando:</p> <p><i>Já fui e já voltei, voltei E já disse ao meu pai Meu pai... Meu pai... Que cara que se perde... Não se acha mais, Não se acha mais...</i></p> <p><i>Canção continua em surdina.</i></p> <p>SINHÁ: Calu não devia ter raiva de Santo Antônio, não...</p> <p>D. ANJOS: É, o coitado não tem culpa.</p> <p>SINHÁ: Nem Vila Matilde!</p> <p>D. ANJOS: Ela disse que Vila Matilde viu e escondeu tudo dela! Que casa pode ver.</p> <p>SINHÁ: Viu o que mesmo, dos Anjos? Eu não lembro mais...</p> <p>D. ANJOS: O noivo e a outra, menina!</p> <p><i>Dos Anjos ri.</i></p>		
		<p>CALU: Você ouviu agora?</p> <p>FILU: Você está nervosa, Calu.</p> <p>CALU: Até você minha melhor amiga, é porque você não mora aqui.</p>
<p>SINHÁ: É o jeito de Vila Matilde, calada, calada...</p> <p>D. ANJOS:</p>		

Que toda a rua sabia. Que prato, que prato cheio... Boa essa...		
		CALU: Quando eu fecho a casa... Ela viu tudo. Tudo que aconteceu aqui. Que medo que eu tenho! E a casa sabe disso.
D. ANJOS: Que riam dela por trás, por trás de todas as janelas, de todas as casas, riam, riam. SINHÁ: Coitada de Calu, pobrezinha... D. ANJOS: Coitadinha, dela!		
		CALU: É uma tristeza. Eu vou andando e as tabuas vão rindo, rindo de mim. Um riso podre.
SINHÁ: Mas Santo Antônio não tem culpa! D. ANJOS: Ela até gostava dele, dava flor, vela. Fazia trezena. SINHÁ: Depois trocou de mal, com ele, pegou esta raiva boba.		
		CALU: Ela está podre, Filu.
D. ANJOS: Ela disse que Santo Antônio sabia. Que Vila Matilde também sabia. Disse que Santo Antônio podia fazer milagre e não fez de pirraça, de ruindade! Os santos andam muito difíceis hoje em dia! Porque a outra deu mais vela do que ela. Que Santo Antônio é muito interesseiro. É um santo mundano, festeiro, só quer saber de trezena, de festa e tudo mais, e na hora de fazer um milagrezinho não se esforça. SINHÁ, <i>(pega Santo Antônio no colo e começa a cantar, baixinho, cantigas de ninar):</i> Tadinho de Santo Antônio, ouvindo estas coisas feias. Não se preocupe não, Santo Antônio, a gente não acredita não é, Dos Anjos? D. ANJOS: Claro, Sinhá, nosso santinho... <i>(Fala o</i>		

<p><i>responso).</i> Se milagres desejai. Recorrei a Santo Antônio...</p>		
<p>SINHÁ e D. ANJOS cantando: Vereis fugir o demônio e as tentações infernais Recupera-se o perdido rompe-se a dura prisão e no auge do furacão cede o mar embravecido....</p>		<p>CALU: Cale essa boca! Cale essa matraca! <i>Calu anda em direção ao Santo Antônio no altar.</i></p>
<p>SINHÁ percebe Calu: Socorro, João! D. ANJOS: Santo Antônio não tem culpa, Calu! SINHÁ: Não mate ele, não mate o meu santinho...</p>		<p><i>Filu se interpõe entre ela e a imagem.</i> CALU: Eu vou rodar a baiana! É pra já! <i>Pega uma espada antiga, dentro da arca e gira por cima da sua cabeça.</i> Um dia eu mato vocês todos! Faço uma chacina! Atravesso vocês todos a fio de espada. Vocês me acabam! Eu já ganhei o céu. FILU: Se acalme, pelo amor de Deus... CALU: Isso é arte de Vila Matilde. Esta casa é impossível. Eu vou acabar com ela. Vou vender ela. Botar num leilão. Vou vender tudo!</p>
<p>SINHÁ: A gente também?</p>		
		<p>FILU: Calu, se aclame, fique bem. Eu tenho que ir agora. Já está ficando tarde, está na minha hora, não gosto de ficar na rua de noite. O mar não está pra peixe! CALU, numa raiva contida, fala baixo e depressa: Vou meter a picareta. Derrubar bem devagarzinho. Quero ver Vila Matilde rir então... Vai ficar em pedacinhos. Em pedacinhos. Todo mundo da rua espiando. As paredes se abrindo, caindo. Os moleques rindo. Os homens batendo.</p>

		<p>Todo mundo vendo a sua podridão. Sua suja, rindo de mim, rindo de mim... Porca!</p> <p>FILU: Valha-me Nossa Senhora do Parto! Fico preocupada em te deixar assim, mas tenho que ir mesmo. Fique bem minha amiga. Ainda acho que você devia procurar um especialista. <i>Beija Calu. Sai.</i> Volto quando pra prova final?</p> <p>CALU: Próxima semana. Espere aí, não vá embora assim... Fique mais um pouco.</p> <p>FILU: Não posso mesmo. Tchau. <i>Sai.</i></p> <p><i>Calu acompanha e sai.</i></p>
	<p>MÚSICA: Sineta de missa, matraca e sino de igreja, muito baixo.</p>	
<p>SINHÁ: Você ouviu, João?</p> <p>JOÃO: Ouvi!</p> <p>SINHÁ, <i>com medo:</i> Ela não vai vender a Vila Matilde, vai?</p> <p>JOÃO, <i>triste:</i> Parece que vai, Sinhá!</p> <p>SINHÁ: E você vai deixar, João?</p> <p>JOÃO: O que é que eu posso fazer?</p> <p>D. ANJOS, <i>carregando Santo Antônio:</i> Tadinho... Não tenha medo, não. Eu estou aqui... <i>Cantarolando uma canção de ninar.</i></p>		

<p>SINHÁ: Ela vai vender Vila Matilde e você não vai fazer nada? João?</p> <p>JOÃO: O que eu posso fazer, Sinhá, eu não presto pra nada, sou um trapo velho...</p> <p>SINHÁ: Vão vender Vila Matilde e João, o homem da casa, não vai fazer nada!</p> <p>D. ANJOS: Você está boba, Sinhá? João não deixa!</p> <p>SINHÁ: Calu quer, mas João não deixa, não é João?</p> <p>JOÃO: É. Eu não deixo, pronto!</p> <p>D. ANJOS: João é grande, é forte...</p> <p>SINHÁ: É o homem da casa, o filho do meu pai...</p> <p>D. ANJOS: Ele não deixa, não deixa!</p> <p>SINHÁ: A gente também está velha e ninguém vai vender a gente.</p> <p>D. ANJOS, com muito medo: Não é, João?</p> <p>JOÃO: Eu não deixo, eu não deixo.</p> <p>SINHÁ: Vila Matilde tem que ficar esperando...</p>		
<p>D. ANJOS: Um dia Riquião chega!</p> <p>SINHÁ: E conserta tudo!</p> <p>JOÃO: Tudo!</p>		<p><i>Entra Maria. Olha o cenário. Vê João com a cabeça caída. Pega o jornal no chão, dobra e coloca no colo de João.</i></p>

D. ANJOS, *rapidamente feliz*: Traz velas para Santo Antônio.

SINHÁ: E para a igreja.

D. ANJOS: Nunca mais ninguém vai ficar triste

SINHÁ: Nunca mais...

D. ANJOS: Vila Matilde vai rir.

SINHÁ: Maria vai rir. Os lustres vão rir. As janelas, as portas.

D. ANJOS: Santo Antônio vai rir...

SINHÁ: Quando Riquião chegar ele compra o barco de velas de João. Você quer, João?

JOÃO, *sorrindo com timidez*: Se eu quero? É a única coisa que eu sempre quis!

SINHÁ: Ele compra um barco à vela...

D. ANJOS: Pra Santo Antônio?

SINHÁ: Não bobinha, pra João!

JOÃO, *sonhando*: Um barco no meio do mar. Grande, branco...

Começa a se levantar sorrindo, fala sempre para a plateia meio distante, numa emoção contida. Existe uma espécie de eco repetindo as últimas palavras de João.

JOÃO: Marinheiros. *Ainda mais baixo.* Depressa

<p>marinheiros as minhas velas...</p> <p>SINHÁ, <i>muito agitada</i>: Espera aí, João, eu vou também...</p> <p>D. ANJOS: Nós já vamos. Nós já estamos indo...</p> <p>SINHÁ: A gente não demora nada. Já estamos prontas, prontinhas da silva.</p> <p><i>As duas dirigem-se para o baú e pegam duas maletinhas, que estão ao lado. Depois, pegam dois chapéus bem antigos, colocam na cabeça e cobrem os rostos com os véus. Espicham a colcha de retalhos e sentam-se nas duas cadeiras.</i></p> <p>JOÃO: O tempo passa, passa rápido.</p> <p>D. ANJOS, <i>muito feliz</i>: Assim a gente não gasta o dinheiro da passagem!</p> <p>SINHÁ: É, economiza. Tudo esta tão caro!</p> <p>JOÃO: E num instante, bem longe, o céu, o mar e as minhas velas brancas!</p>		
		<p>CALU: Aonde você estava?</p> <p>MARIA: Por aí...</p> <p>CALU: Por aí onde, Maria?</p> <p>MARIA: Me deixe, minha madrinha! Estava estudando com uns colegas, lá da universidade.</p> <p>CALU: Me engane que eu gosto! Você estava no Sindicato. Se metendo onde não foi chamada! Estudante tem que estudar. Não tem que se meter na greve dos outros!</p>

		<p>Fazendo piquete. Já me contaram tudo, tim-tim por tim-tim. Que perigo! Você esta maluca, Maria? Eu já não te disse?</p> <p>MARIA: Já. Umas quinhentas vezes.</p> <p>CALU: Eu só quero o seu bem! O que é que os outros vão dizer, meu Deus, se você for presa? Fazendo piquete, jogando pedras os PMS. Você não é uma moleca, é uma mulher feita, virou uma estudantzinha profissional. Curso pra lá, curso pra cá! Riquião não vai gostar nada disso, criatura!</p> <p>MARIA: Não meta Riquião nisso, madrinha! Não estou nem aí pra esse povo daqui, esta genticinha fofoqueira!</p> <p>CALU: Bata na boca, menina, fale baixo, todo mundo está escutando. Maria, minha filhinha, não faça isso, Você quer virar notícia? Todo dia tem pancadaria, tiro, nestas greves. Você quer acabar estirada na rua, coberta de jornal?</p> <p>MARIA: A gente tem que ajudar. O povo está abandonado!</p> <p>CALU: Eu já pedi tanto, pedi tanto, meu Deus!</p> <p>MARIA: Não recomece, minha madrinha, por favor.</p> <p>CALU: Só falo para o seu bem, seu bem! Você tem uns modos tão esquisitos! Eu lhe criei com tanto carinho, nunca lhe faltou nada, do bom e do melhor. Passou no vestibular na Federal. Está fazendo doutorado!</p> <p>MARIA: Não, madrinha, por favor! Hoje não, eu estou muito cansada... Hoje não... Pelo amor de Deus!</p> <p>CALU: É tudo assim mesmo. Só me dão consumição. Ai, minha nossa Senhora do Parto, esta gente me mata! Isso</p>
--	--	---

		<p>é hora de moça solteira vir pra casa? Me diga, pelo amor de Deus... Vive na boca do povo com razão. E depois tem o perigo de andar por estas ruas de noite, tudo escuro, sozinha! Tudo está muito perigoso, criatura! Você quer ser sequestrada? Você quer ser estuprada? Você não lê jornal, criatura, não vê televisão? Pai matando filha? Filha matando pai, mãe, irmãos. Neto, estuprando e matando a avó! Criancinhas jogadas vivas, nas latas de lixo. E as chacinas, na periferia? E os traficantes? Guerra de Traficantes! Tudo é muito perigoso, dantesco, sua moça! Balas perdidas. Pior do que a guerra mundial. Você nunca ouviu falar disso? Dá todo dia nos jornais da televisão! Você vai acabar morrendo, solteira, na flor da idade... Coitadinha! É uma consumição atrás da outra. Quando não é João, é Maria. Quando não é Maria são essas duas velhas caquéticas, despirocadas e esta casa miserável. Dói, dói aqui dentro. Você não me ouve! Eu morro. Morro!</p> <p><i>Diálogo superposto, as duas falando quase ao mesmo tempo.</i></p> <p>MARIA: Ai, meu Deus, minha Nossa Senhora, Santa Terezinha do Menino Jesus, meu Santo Antoninho, valei-me, valei-me!</p> <p>CALU: Um dia eu dou a louca, rodo a baiana, pego a minha espada e me mato! <i>(Para a plateia)</i> Enfia a espada na minha barriga, que nem eu vi num filme japonês. Lindo! Vou virar notícia! Sair no Jornal, na televisão!</p> <p>MARIA: Eu tenho que ir embora para qualquer lugar diferente daqui.</p> <p>CALU: Deixe de besteira. Você fala de contente. É a ingratidão em pessoa. Não reconhece tudo que eu fiz por você. Calu não vale nada! Calu isso, Calu aquilo!</p>
--	--	--

		<p>MARIA: Eu não quero, não quero ficar assim. Assim como a senhora. Como vocês todos daqui.</p> <p>CALU: Chega menina, que desrespeito! O que é que eu tenho? O que é que eu tenho de errado? É assim, é sempre assim, só sabe se queixar...</p> <p>MARIA: É assim, é sempre assim. Eu só queria conversar com a senhora, minha madrinha...</p> <p>CALU: De manha à noite comprando comida. Fazendo comida!</p> <p>MARIA: Eu só queria falar o que penso, o que eu sinto. Eu só queria conversar. Eu não aguento mais</p> <p>CALU: O dinheiro não dá pra nada. É fila. Fila todo dia. Vocês sabem quanto custa um quilo de carne? Não sabem. Só sabem dizer que a carne está dura, que tem pelanca... Eu não tenho tempo para nada. Trabalho feito uma burra. E a confusão que estes velhos fazem. Só santo. Depois, é mentira de Calu... Quando Riquião chegar, vocês vão ver com quantos paus se faz uma canoa!</p> <p>MARIA: Todo mundo sabe que Riquião não vem. É tudo mentira. Riquião não vem mais! A senhora sabe disso muito bem!</p> <p>CALU, <i>finje que não ouve</i>: Ah, quando Riquião chegar! Eu dou uma lição em todo mundo. Começando pelo gringo da venda. Aquele ladrão, miserável, abusando de uma pobre mulher solteira, sem marido, arrimo de família...</p> <p>MARIA: Chega, madrinha, pelo amor de Deus!</p>
--	--	---

		<p>CALU: Depois, eu dou um sabão nestes vizinhos metidos a sebo.</p> <p>MARIA: Chega, chega!</p> <p>CALU: Riquiã vai trazer um monte de dinheiro, pinto Vila Matilde de branco. Vestido novo, de seda brilhante, sapato, bolsa. Geladeira nova!</p> <p>MARIA: Ai, meu Deus, ela não vai parar mais! Nunca mais!</p> <p>CALU: Desfilo com Riquiã na cara dessas fuxiqueiras todas. Ai é que eu quero ver, como a porca torce o rabo?</p> <p>MARIA: Ai, meu Deus!</p> <p>CALU: Vão ficar com cara de inveja. Se roendo por dentro. E eu não vou costurar, nem fazer doce, nunca mais. Nem forrar botão. Nunca mais!</p> <p>MARIA: Pare, madrinha. Chega!</p> <p>CALU: O que é menina? Me deixa!</p>
<p>SINHÁ: <i>Uma porção de homens... Todos presos e amarrados Nunca estarei vingada...</i></p> <p><i>O canto não para.</i></p>		<p>MARIA: É assim o dia todo, e amanhã vai ser igual. Igualzinho. Não vai acontecer nada. E depois – e depois – e sempre vai ser assim. Ninguém faz nada. Eu não posso mais. Isso tem que mudar.</p> <p>CALU: Eu não posso mais. Trabalho como um burro de carga. João é um banana. Não ganha nem para comer. E ainda se queixa. Todo mundo se queixa nesta casa. E Calu ali, na maquina de costura o dia inteiro. As costas doendo. Os olhos doendo. Uma miséria a minha vida! Sem homem, sem filho, sem nada.</p> <p>MARIA: A gente precisa fazer alguma coisa, meu Deus!</p>

		<p>CALU: É assim, vai ser sempre assim, falam, falam e não fazem nada.</p> <p>MARIA: Vai ser sempre assim. As mesmas caras – as mesmas pessoas. Depois morre tudo e nascem as mesmas caras – as mesmas pessoas. Eu tenho que ir embora.</p> <p>CALU: É assim mesmo. Calu não presta. Calu não vale nada.</p> <p>MARIA: Riquião não vem mais... Ninguém vem mais.</p> <p>CALU: É assim, só sabe se queixar. Dói, dói aqui dentro. Eu é que não presto não valho nada. Me matem, matem de uma vez.</p> <p>MARIA: Eu preciso ir embora! Achar um caminho!</p> <p>CALU: Essa turma de preguiçosos só sabe falar. Falam de barriga cheia. Desgraça é a minha vida.</p> <p>MARIA: O tempo vai passando assim.</p> <p>CALU: Eu queria ser homem. É muito melhor ser homem. Mulher não tem vez. Mesmo assim eu dei um escândalo. Ah, se eu fosse homem! <i>Para Sinhá, que está cantando:</i> Pare com isso sua velha maluca!</p> <p>MARIA: Você sabe que Riquião não vem. Não vem mesmo. Ninguém vai chegar nunca, nunca mais, acabou. Será que a senhora, Dona Calu, ainda não entendeu o que aconteceu?</p> <p>CALU, gritando: Parem com esta cantoria. Eu fico maluca, perco o juízo!</p>
--	--	--

		<p>MARIA: Você sabe que é mentira, minha madrinha Tudo isso aí é mentira. Assassinaram Riquião. Ele foi preso numa emboscada, foi levado com os seus companheiros para um quartel na ditadura. Riquião está morto! Me contaram tudo, todas as atrocidades que fizeram contra ele.</p> <p>CALU: Cale essa boca! <i>Avança em Maria e segura sua boca.</i> Você esta me matando, menina! Cale essa boca suja!</p> <p>MARIA: Prenderam também os companheiros dele: "Seu subversivo miserável, toma, toma!" Mas não foi ele que entregou.</p> <p>CALU: Cale essa boca porca, imunda!</p> <p>MARIA: Levaram eles para, um lugar especializado em torturar os revolucionários.</p> <p>CALU: Maldita, desgraçada!</p> <p>MARIA: Pau de Arara, afogamentos simulados!</p> <p>CALU: Se ele morreu, cadê o corpo dele?</p> <p>MARIA: Choques, choques e mais choques elétricos.</p> <p>CALU: Você viu o corpo de Riquião no caixão, como todo morto fica, coberto de flores? Viu? Viu? Ninguém, ninguém viu ele morto!</p> <p>MARIA: Torturaram muito. Mas ele não falou, não denunciou ninguém.</p> <p>CALU: Você não viu nada! Você foi ao velório dele? Foi à</p>
--	--	---

		<p>missa de 7º dia? Botou luto? Luto? Sua coisa ruim!</p> <p>MARIA: Não arrancaram nada dele. Ele tinha o queixo duro! Disseram que Riquião se enforcou, disseram...</p> <p>CALU: Você viu o corpo dele descer, no caixão, dentro da cova? Viu? Viu?</p> <p>MARIA: O corpo ninguém viu, sumiu...</p> <p>CALU: Você não viu nada! Cale essa sua boca mentirosa, sua maldita!</p> <p><i>Avança em Maria e cobre a sua boca com as mãos. Maria abraça Calu, carinhosamente, durante a sua fala.</i></p> <p>CALU: Você está me matando, Maria! Cale essa boca podre! Não faça isso comigo, eu não mereço! Um dia Riquião vai voltar. Um dia ele vai voltar pra casa, ouviu! Ouviu! Sua louca!</p>
<p>O CORAL AUMENTA, AUMENTA ATE QUE PARA SUBITAMENTE.</p>		<p><i>PAUSA LONGA. Maria sai correndo deita-se num canto do palco.</i></p>
<p><i>Ouve-se vozes dizendo/cantando: "João! João das meninas..."</i> <i>As duas fecham o baú. Tiram os chapéus.</i></p> <p>SINHÁ, <i>muito alegre:</i> Aqui, João!...</p> <p>D. ANJOS, <i>alegre:</i> Guerra é guerra!</p> <p>SINHÁ: Quando Riquião chegar espanta os vizinhos...</p> <p>D. ANJOS: Reza, Sinhá...</p>		

SINHÁ: Estou rezando, bobinha... A gente vai sair no andor todo dia...

D. ANJOS: Reza, Sinhá.

SINHÁ: Já disse que estou rezando, menina...

D. ANJOS: Reza, filhinha...

SINHÁ: Nunca mais ninguém vai ficar triste...

D. ANJOS: Reza, filhinha...

SINHÁ: Estou rezando bobinha! *Baixinho sorrindo* - Quando Riquião chegar conserta tudo...

D. ANJOS: Tudo! Tudo!

SINHÁ: Compra um vestido de seda para Calu!

D. ANJOS: Um barco para João...

SINHÁ: Toma conta de Maria...

D. ANJOS: Espanta os vizinhos...

SINHÁ: Nunca mais ninguém vai ficar triste, sozinho.

D. ANJOS: As casas vão rir.

SINHÁ: As ruas vão rir, tudo vai rir!

D. ANJOS: Todo mundo vai ter comida

SINHÁ: Casa e filhos.

<p>D. ANJOS: Reza, Sinhá...</p> <p>SINHÁ: Estou rezando, bobinha.</p> <p>D. ANJOS: Será que tristeza é pecado?</p> <p>SINHÁ: Não sei, não tem naquela lista, minha menina.</p> <p>D. ANJOS, <i>olhando para a plateia:</i> Xi! Pulou um peixão...</p> <p>SINHÁ: Deve ter cação por perto...</p> <p>JOÃO: E nunca mais ninguém vai ouvir falar de João. João das meninas. Depressa marinheiros, depressa minha gente, o tempo passa e a gente não sente...</p> <p>SINHÁ: Veio muita gente pra despedida, mas só nós vamos embarcar!</p> <p>D. ANJOS: Ainda bem, detesto navio cheio...</p> <p>SINHÁ: Nem as Pereiras, nem as Fonseca.</p> <p>JOÃO: Pode subir quem quiser. E todo mundo vai falar alto, gritar, dizer o que quiser.</p> <p>SINHÁ: Será que ele está esperando a gente?</p> <p>D. ANJOS: Ele quem, Sinhá?</p> <p>SINHÁ: Riquião, Dos Anjos, Riquião...</p> <p>D. ANJOS: Quem sabe... Quem me dera...</p> <p>JOÃO: E todo mundo vai ver Riquião. Todo mundo.</p>		
---	--	--

Branco, preto, rico, feio, horroroso, bonito, aleijado, mendigo, menino, homem, mulher, santo, bandido. Sem fazer fila. Sem esperar nas portas, nas salas, nas ruas, nos hospitais. No chão, rolando no chão. Com fome. Que nem cachorro, bicho.

SINHÁ: Que saveiro bonito! Vai bebendo água. “Na paz de Deus”...

JOÃO: E depois todo mundo vai ter casa sua – e mulher – e filhos – muitos e muitos filhos. E todo mundo vai ter roupa e comida – muita comida. E não vai precisar pedir nada a ninguém, nem a Riquião. Todo mundo vai poder trabalhar. E ninguém vai ter que viver na casa de ninguém, de favor. E ninguém vai morar velho num asilo.

SINHÁ: O vento está aumentando. Será que vai jogar muito? Estou muito enjoada...

D. ANJOS: Não comece, Sinhá... ah, se eu fosse homem eu ia ser marinheiro. Ah! Todos os meus filhos, todos vão ser marinheiros...

JOÃO: Era uma vez um menino chamado João. “João das meninas”... *Sorrindo.* Papai dizia: – cuide das meninas João. João cadê as meninas? Hum! João das meninas... Papai morreu. E as meninas? Depressa. Depressa minha gente. O tempo passa e a gente não sente.

FIM